

O COMPORTAMENTO ECOLÓGICO EM ALUNOS DO CURSO DE CONTROLE AMBIENTAL DO IFRN: REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Joyce Nayara de Medeiros Pereira¹; Maria Gabriella Madruga de Macêdo²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, joycenmp@gmail.com;

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mgabimacedo12@gmail.com

Resumo:

O comportamento ecológico, compreendido como as ações voltadas para a preservação do meio ambiente, é um dos conceitos mais recorrentes nos estudos de Psicologia Ambiental. O comportamento humano pode ser o responsável tanto pela degradação quanto pela preservação ambiental. Como resultado dessa constatação, percebe-se que a solução para a problemática ecológica precisa considerar a modificação das práticas individuais direcionadas ao meio ambiente. Nesse sentido, a educação ambiental apresenta-se como um dos meios mais eficazes de conscientização e transformação de valores e comportamentos negativos. Desse modo, o presente artigo possui como objetivo a investigação do comportamento ecológico apresentado por estudantes do curso de Controle Ambiental, visto que tais indivíduos dispõem de uma educação satisfatória acerca do quadro socioambiental atual, espera-se comprovar a presença de práticas pró-ecológicas sendo empreendidas em seu cotidiano. Para tanto, utilizou-se da metodologia de pesquisa de natureza descritiva e abordagem quantitativa. O instrumento usado para identificação do comportamento ecológico foi projetado com base na Escala de Comportamento Ecológico (ECE) de Pato e Tamayo (2006). A amostra da pesquisa foi composta por 20 respondentes. Os dados obtidos demonstraram que a amostra analisada pratica comportamentos pró-ambientais referentes a limpeza de espaços públicos, destinação adequada de resíduos e utilização responsável dos recursos naturais, contudo, os estudantes entrevistados ainda apresentam baixa ocorrência de comportamentos pró-ecológicos relativos ao ativismo ambiental e consumo saudável de produtos.

Palavras-chave:

Comportamento Ecológico, Educação Ambiental, Comportamento de Estudantes.

Introdução

O comportamento ecológico apresenta-se como um dos temas de maior destaque nas pesquisas de Psicologia Ambiental (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999), o conceito não possui, contudo, terminologia única - podendo ser denominado como “comportamento pró-ambiental, comportamento ambiental, comportamento ambientalmente responsável, conduta pró-ambiental, comportamento ecológico e altruísmo ambiental” (ALMEIDA et al., 2015, p. 295).

Por definição, comportamento ecológico é “o conjunto de ações dirigidas, deliberadas e efetivas que respondem a requerimentos sociais e individuais e que resultam na proteção do meio” (CORRAL-VERDUGO, 2000 apud COELHO; GOUVEIA; MILFONT, 2006, p. 202). A terminologia, portanto, refere-se as práticas pró-ambientais, ou seja, aquelas orientadas em benefício da preservação natural (PATO; TAMAYO, 2006). Para Franco

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

(2012), o comportamento ecológico é produto de uma combinação dos mais diversos elementos sociais, culturais, individuais e psicológicos presentes no ambiente no qual a pessoa encontra-se inserida.

Pato e Tamayo (2006) trazem à baila a complexidade que a denominação “comportamento ecológico” abarca: ele é capaz de englobar tanto propósitos bem estabelecidos e conscientes das ações positivas para o meio ambiente quanto as consequências dos atos empreendidos sobre o sistema ambiental. Com isso, as ações ecológica-comportamentais podem possuir um caráter intencional no agir ou serem reflexo de uma subjetivação involuntária dos valores ambientais aprendidos durante a vida do indivíduo (PATO; TAMAYO, 2006).

Almeida et al. (2015) compreendem que estudos como os realizados por Darley, Gilbert (1985) e Summer (2000) foram essenciais na evolução e fundamentação do conceito de comportamento ecológico. Tais pesquisas buscavam entender as origens de determinadas práticas direcionadas ao meio ambiente, utilizando, para tanto, a investigação de características pessoais de indivíduos engajados ecologicamente e as condições propiciadoras para comportamentos ambientais.

A posição de tamanha relevância assumida pela ideia de comportamento ecológico no interior da Psicologia Ambiental explica-se por meio da noção de que a problemática ambiental vivenciada na contemporaneidade pode ser pensada como sendo fator resultante de comportamentos mal adaptados do homem em relação aos recursos naturais (COELHO; GOUVEIA; MILFONT, 2006). O comportamento humano pode ser o principal responsável tanto pela deterioração quanto pela conservação do meio (PATO; TAMAYO, 2006). Logo, a amenização da crise ambiental instaurada precisa passar pela modificação de comportamentos comumente adotados pela população nos dias atuais.

Para Diniz e Pinheiro (2014), os estudos desenvolvidos na Psicologia Ambiental acerca da interface pessoa-ambiente podem fomentar a construção de intervenções que visem a oferta de alternativas aos modelos de vida vigentes encontrados nas sociedades ocidentais e capitalistas, possibilitando, assim, a eficaz transformação de comportamentos e a compreensão sobre as motivações para práticas prejudiciais ao ambiente.

Nessa perspectiva, Jacobi (2003) defende o engajamento dos mais diversos atores e sistemas de conhecimento na busca pela conscientização da problemática ambiental. O autor argumenta que a construção de um universo educativo é essencial na conquista de novas produções de sentido e desenvolvimento de perfis inovadores de pensamento em torno da questão ambiental.

Diante do exposto, é possível refletir acerca do impacto exercido por espaços que oferecem a discussão em torno conteúdos pró-ecológicos. A educação ambiental pode estimular a adoção de uma postura mais implicada, bem como possibilita a promoção de uma consciência ambiental, conduzindo a população que dela se beneficia para o processo de co-responsabilização pela preservação, controle e fiscalização de seu meio (JACOBI, 2003).

Apropriando-se de tal pensamento como referência, o presente artigo objetiva investigar o comportamento ecológico de alunos do curso de Controle Ambiental (CA), oferecido na Instituição Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal Central. Os estudantes de CA, ao longo de sua grade curricular, possuem um amplo acesso a informação referente ao quadro socioambiental enfrentado na atualidade, caracterizando-se como um público privilegiado de conhecimento. A aplicação da Escala de Comportamento Ecológico desenvolvida por Pato e Tamayo (2006) permitirá, portanto, conhecer as principais práticas adotadas pelos alunos – em seu cotidiano - em prol da preservação ambiental.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva que, na compreensão de Gil (2006) tem o intuito objetivo de descrever traços de uma parcela populacional ou de um fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de correspondências entre as variáveis em questão, sendo essas questões estudadas, mas não manipuladas pelo pesquisador.

Em relação à abordagem do objeto de pesquisa, o estudo em questão caracterizou-se por apresentar método quantitativo que, na visão de Fonseca (2002, p. 20 apud GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 33) difere da pesquisa qualidade pelo fato dos resultados serem quantificados de forma objetiva, centrando-se na objetividade e tendo interferência das teorias positivistas, as quais avaliam que a realidade é melhor compreendida a partir da análise de dados brutos oriundos de dispositivos padronizados e imparcial.

Participaram dessa pesquisa, voluntariamente, 20 alunos do Curso de Controle Ambiental do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)- Central, localizado na cidade de Natal, sendo esses distribuídos nos quatro anos do curso, sendo sete dos entrevistados cursando o 1º ano, oito o 2º ano, um o 3º ano e quatro o 4º ano com idades que variavam entre 15 e 19 anos (média: 16,65 anos; desvio padrão: 2,12).

Foi aplicada a Escala de Comportamento Ecológico – ECE (PATO; TAMAYO, 2006), resumido em 25 questionamentos, os quais os entrevistados iriam assinalar, de acordo com suas atitudes diárias, se realizam ou não determinada ação a partir da marcação de 1 a 5, sendo 1

totalmente, discordo parcialmente, não concordo nem discordo, concordo parcialmente ou concordo totalmente. Tais questionários foram impressos e aplicados em um único dia sob a supervisão de duas pesquisadoras nas áreas de convivência do IFRN. O instrumento de pesquisa pretendia identificar o perfil dos alunos do curso de controle ambiental do IFRN-central e os traços socioambientais desses. Os participantes foram escolhidos de forma aleatória com a única condição de que pertencessem ao curso alvo da pesquisa no IFRN-central.

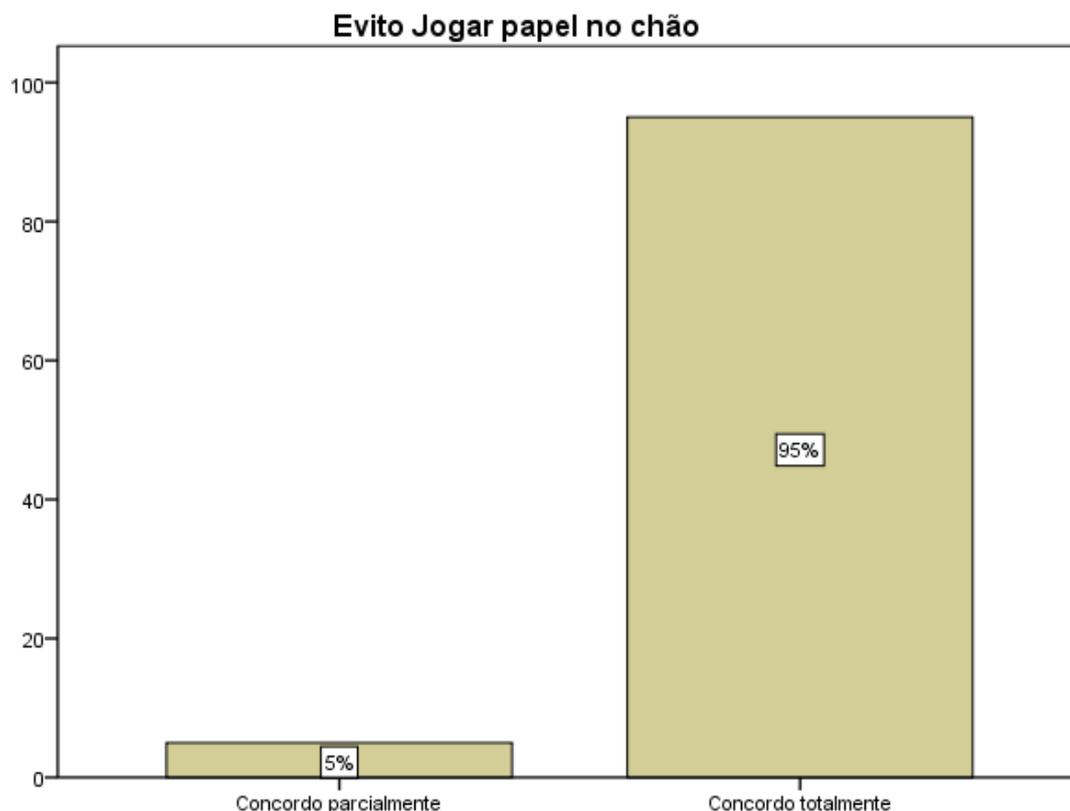
Os dados obtidos com os questionários foram codificados a partir do software Microsoft® Excel® 2010 e analisados com o Statistical Package for the Social Sciences – SPSS 18.0, em que realizou-se análises descritivas simples (frequências, médias e desvios-padrão) e a confecção dos gráficos.

Resultados e Discussões

Os estudantes entrevistados para o presente artigo apresentaram índices positivos na maioria dos comportamentos de preservação ambiental investigados, demonstrando um bom nível de consciência ecológica. O questionário proposto na pesquisa podia ser respondido em diferentes escalas de concordância com a afirmativa, onde o completo assentimento indicava a prática constante do item especificado e a discordância total representava a inexistência do comportamento ecológico.

Dentre os elementos investigados, o que exibiu maior porcentagem em relação a resposta “concordo totalmente” foi aquele que se refere ao não descarte de papéis no chão, alcançando um percentual de 95%, como demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Evito jogar papel no chão



Fonte: as autoras

Associado a esse comportamento, observou-se também que a amostra pesquisada declarou que ajuda a manter as ruas limpas, obtendo-se um nível de 70% de concordância total com o comportamento ecológico mencionado. Ademais, 35% concordaram totalmente e 40% concordaram parcialmente com o enunciado “colaboro com a preservação da cidade onde vivo”.

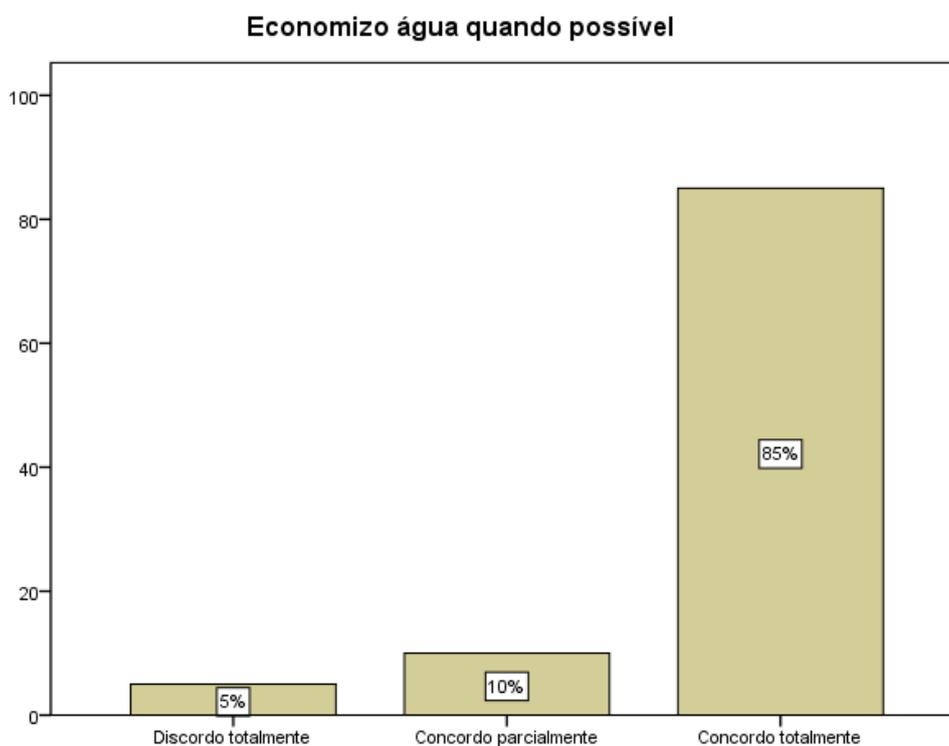
Tavares e Freire (2003, p. 128) apud Carregal (1992) afirmam que “o brasileiro não vê a rua como espaço seu, e sim do governo... o povo não considera o espaço público como extensão da casa”, entretanto, os autores reconhecem que pesquisadores da temática do descarte de resíduos consideram a aplicação de medidas educativas como o fator principal de mudança no quadro de limpeza pública.

O comportamento encontrado nos alunos de Controle Ambiental sugere que o acesso a informação e a prática educativa podem favorecer as mudanças de hábitos e costumes culturais comumente difundidos. A educação ambiental recebida durante a passagem pelo curso parece ter gerado impacto e fornecido a reflexão necessária para que os jovens passem a

encarar seu papel na preservação ambiental, produzindo consciência comunitária e uso consciente do espaço comum.

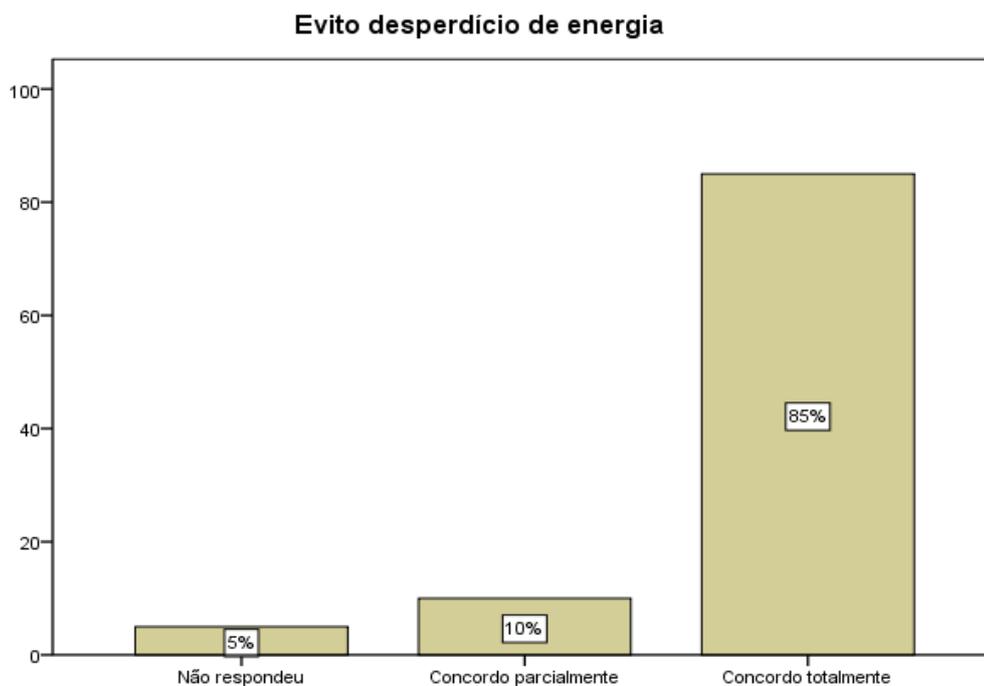
Em segundo lugar, como comportamentos mais adotados pela amostra analisada, aparecem empatados a preocupação com a preservação da água e o consumo responsável de energia: 85% dos entrevistados afirmaram economizar o recurso hídrico sempre que possível e 85% dos estudantes alegaram evitar o desperdício de energia elétrica, como pode-se observar nos gráficos abaixo:

Gráfico 2 – Economizo água quando possível



Fonte: as autoras

Gráfico 3 – Evito o desperdício de energia



Fonte: as autoras

No que se refere ao consumo hídrico, Corral-Verdugo (2003), em leitura acerca de pesquisas realizadas, indica que ofertar aos estudantes de ensino médio conhecimento sobre comportamentos e habilidades específicas de conservação da água, pode resultar na prática da preservação do recurso natural em questão. Assim, é possível pensar que a formação acadêmica possa interferir na aquisição de comportamentos pró-ecológicos, sendo uma das vias com grande potencial para transformação de valores. A amostra analisada pode endossar tal pensamento quando demonstra a implementação de ações de conservação dos recursos naturais em seu cotidiano, não negligenciando os conteúdos teóricos com os quais possui contato.

Quanto ao uso da energia elétrica, pode-se associar ao dado anteriormente apresentado outro comportamento investigado no instrumento, o qual possui um caráter mais prático para analisar o consumo consciente: 65% das respostas apontaram concordância total com a afirmativa “apago as luzes quando saio dos ambientes”. A porcentagem encontrada neste item corrobora com o resultado acerca do gasto de energia e fortalece a noção de que os alunos de Controle Ambiental analisados procuram regular seus comportamentos de modo a favorecer o meio ambiente.

Além disso, 60% dos estudantes entrevistados afirmaram falar sobre a importância do meio ambiente com as pessoas. Nesse sentido, Jacobi (2003) alerta para a importância de encontrar alternativas para o modelo educativo ambiental propagado no Brasil, visto que este é caracterizado predominantemente pela formalidade. O autor destaca a existência de um imaginário social que delega a responsabilidade de solução dos problemas ambientais para os órgãos governamentais, colocando os indivíduos em posição passiva e de aceitação da tutela. Para que a educação ambiental possa tornar-se de fato um instrumento de modificação da ordem vigente, ela deve objetivar a formação de cidadãos comprometidos, co-responsáveis e participativos. Nas palavras de Jacobi (2003, p. 199):

A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade[...]. O desafio da construção de uma cidadania ativa configura-se como elemento determinante para constituição e fortalecimento de sujeitos cidadãos que, portadores de direitos e deveres, assumam a importância da abertura de novos espaços de participação.

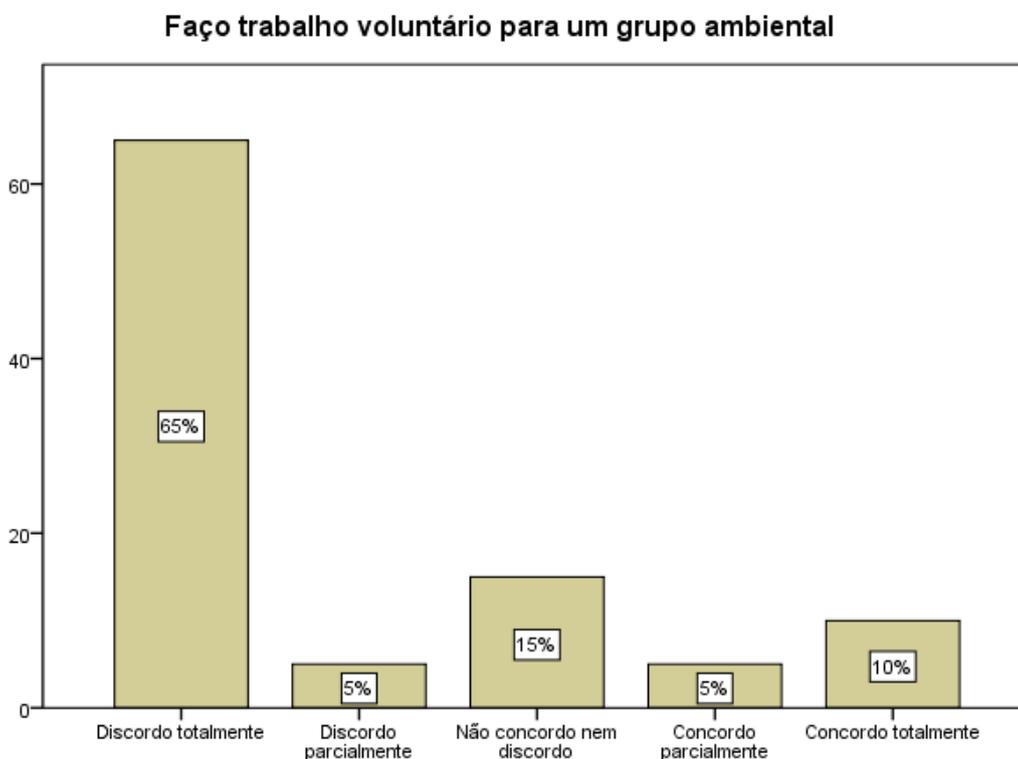
O comportamento pró-ecológico verificado no instrumento aplicado - qual seja o de dialogar com as pessoas sobre as questões ambientais - pode ser pensado como um modelo alternativo de educação ambiental que se encaixa na dinâmica sugerida pelo autor supracitado. Os indivíduos posicionam-se ativamente diante de sua realidade e disseminam o conhecimento obtido em sua formação com vistas a modificar práticas que sejam prejudiciais ao ambiente. A abertura de espaços de diálogo dentro de sua comunidade pode caracterizar-se como uma via de conscientização pautada no exercício da cidadania e noção de coletividade.

Prosseguindo na análise, importa ressaltar também os comportamentos ecológicos menos adotados na amostra investigada, para que seja possível refletir acerca dos pontos que ainda se configuram como um desafio para o perfil ambiental dos estudantes pesquisados.

Um dos itens que apresentou maior nível de discordância com a afirmativa foi aquele que se enquadra na categoria relativa ao ativismo ambiental. 65% dos estudantes demonstraram não realizar trabalho voluntário para algum grupo ambiental, como explicita o gráfico a seguir:



Gráfico 4 - Faço trabalho voluntário para um grupo ambiental



Fonte: as autoras

Ainda na categoria concernente ao ativismo, pode-se perceber outro tópico de discordância e indecisão na amostra. Como resposta ao enunciado “participo de manifestações públicas para defender o meio ambiente”, 35% das pessoas marcaram que discordam totalmente, outros 35% apontaram não discordar nem concordar com a ação apresentada.

Karp (1996) realizou um estudo no qual mediu os comportamentos ecológicos de estudantes de graduação por meio de uma escala de auto relato. Nele, o autor identificou e distinguiu três tipos principais de práticas pró-ambientais.

O primeiro tipo refere-se ao que foi nomeado como bom cidadão, sendo caracterizado como o grupo em que as ações pró-ecológicas são realizadas de maneira frequente e comum. Estes comportamentos estão mais relacionados a limpeza dos espaços públicos, reciclagem de lixo e utilização consciente dos recursos naturais.

A segunda classificação está relacionada com o ativismo ambiental. Esse tipo de comportamento é menos recorrente, acontecendo em momentos raros, uma vez que exigem um maior investimento para a concretização. Os comportamentos deste grupo estão voltados para a participação em grupos ambientalistas, doação de dinheiro para organizações não governamentais (ONGs) que trabalham com a causa ou apoio em manifestações.

O terceiro tipo é denominado como consumidor saudável, a ocorrência desta categoria de ação também é pouco comum. As práticas pró-ecológicas mais recorrentes nesse item se referem ao não consumo de alimentos com conservantes/agrotóxicos, a compra de produtos orgânicos e a tentativa de pesquisar o impacto que a empresa e produto produzido têm sobre o meio ambiente, evitando adquiri-los em caso de risco para a natureza.

Diante disso, é possível perceber que os comportamentos ecológicos predominantes na amostra investigada são aqueles que se enquadram na primeira categoria desenvolvida por Karp (1996), estando duas classificações restantes menos presentes no perfil comportamental dos estudantes. Tal achado pôde ser observado não somente no que concerne ao ativismo ambiental, mas também no que tange ao consumo saudável. O item que continha a afirmativa “evito usar produtos fabricados por uma empresa quando sei que esta empresa está poluindo o meio ambiente” alcançou 25% de discordância total e 20% de discordância parcial contra 20% de concordância total e 15% de concordância parcial. O enunciado “evito comer alimentos que contenham produtos químicos (conservantes ou agrotóxicos)”, por sua vez, pontuou 45% de discordância total.

Considerações finais

A sociedade tem se indagado sobre as condições que garantam o bem estar da população a partir da retirada dos recursos naturais e a necessidade da manutenção do equilíbrio ecológico, mantendo assim a homeostase do ambiente e garantindo a perpetuação dos recursos. Com isso, a palavra sustentabilidade ganhou força no mercado e formou-se uma indústria do ecologicamente correto, fazendo com que comportamentos que visem o equilíbrio ecológico sejam mais difundidos. A partir disso, os indivíduos percebem a necessidade de rever as atitudes que acabam, de forma direta ou indireta, interferindo nesse equilíbrio e, conseqüentemente, na manutenção da vida.

A partir da aplicação da Escala de Comportamento Ecológico (ECE) de Pato e Tamayo (2006) foi possível verificar que a consciência ambiental dos futuros técnicos em controle ambiental tem interferência favorável no que diz respeito ao comportamento pró-ambiental. Com isso, percebe-se uma influência direta dos contextos sociais e culturais dos

atores envolvidos sendo, desse modo, fruto da história de sua produção, das singularidades culturais e modos de vida da sociedade em que são produzidos (GERGEN, 1996; IBAÑEZ, 2003 apud DINIZ; PINHEIRO, 2017, p. 402). Logo, os atores envolvidos na presente pesquisa, são, simultaneamente, preocupados com formas que garantam a conservação ambiental e praticam ações que concretizem esse pensamento, sendo esse compromisso com o ambiente enfatizado com a formação técnica oferecida no decorrer do curso.

No decorrer deste artigo constata-se que os estudantes do curso de controle ambiental do IFRN – central apresentam o comportamento pró-ambiental voltado a atitudes do dia a dia, tais como: economizar água e energia sempre que possível e não jogar papel no chão, em que a grande maioria dos entrevistados respondeu que realizavam tais ações. Entretanto, quando se fala de engajamento em trabalho voluntário e até mesmo um engajamento político em relação à aderência dos atores é bem menor quando comparada as atitudes supracitadas. Nessa perspectiva, percebe-se que a temática está contemplada no decorrer do curso, fazendo com que os atores incluam o conteúdo teórico e essas atitudes pró-ecológicas sejam levadas para a vida.

Logo, é imprescindível, diante da crescente importância dada a temática da sustentabilidade, citar a importância da ampliação das pesquisas envolvendo temáticas ambientais para, com elas, entender a relação ser humano – ambiente como também para difundir esse conhecimento ainda pouco explorado.

Referências

- ALMEIDA, D. M. et al. Comportamento Ecológico de alunos pós-graduandos de uma instituição pública. *Desenvolvimento em Questão*, n. 29, p. 289-310, janeiro/março 2015.
- COELHO, J. A. P. M.; GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em estudo*, v. 11, n. 1, 2006.
- CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J. Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. *Estudos de Psicologia*, v. 4, n. 1, p. 7-22, 1999.
- CORRAL-VERDUGO, V. Determinantes psicológicos e situacionais do comportamento de conservação de água: um modelo estrutural. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 245-252, 2003.

DINIZ, R. F.; PINHEIRO, J. Q. Cuidado ambiental em tempos de sustentabilidade: Relação entre compromisso pró-ecológico e orientação de futuro. *Psico*, v. 45, n. 3, p. 387-394, julho/setembro 2014.

DINIZ, R. F.; PINHEIRO, J. Q. O Compromisso Pró-Ecológico nas Palavras de Seus Praticantes. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2017, vol.27, suppl.1, pp.395-403. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-432727s1201704>.

FRANCO, I. K. Valores e comportamento ecológico: uma análise comparativa e evolutiva dos alunos de dois cursos de graduação da USP. Dissertação. Ribeirão Preto: USP, 2012.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. Série Educação a Distância. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre. 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

JACOBI, P. R. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2003.

KARP, D. G. Values and their effect on pro-environmental behavior. *Environment and Behavior* 28(1), 111-133, 1996

PATO, C.; TAMAYO, A. A escala de comportamento ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. *Estudos de Psicologia*, n. 11, p. 289-296, 2006

TAVARES, C.; FREIRE, I. M. Lugar do lixo é no lixo: estudo de assimilação da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 2, p. 125-135, 2003.